



Populismo e Religião: Governo Bolsonaro e a sua relação com os evangélicos (2019-2022)

Populism and Religion: Bolsonaro's Government and Its Relationship with Evangelicals (2019-2022)

Edson Lugatti Silva Bissiati

edsonbissiati@iesp.uerj.br

Instituto de Estudos Sociais e Políticos - IESP-UERJ

Fabrício Roberto Costa Oliveira

fabriciooliveira@ufv.br

Universidade Federal de Viçosa - UFV



10.52521/opp.v23n1.15073

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 26/02/2025

Aprovação do trabalho: 06/06/2025

Publicação do trabalho: 04/07/2025

Resumo

Com foco no populismo religioso, objetiva-se analisar práticas e discursos de Jair Bolsonaro durante o mandato presidencial no Brasil (2019-2022). A investigação abordou relações institucionais entre líderes religiosos e o governo federal. Neste sentido, o trabalho analisa nomeações de líderes evangélicos, bem como decretos e leis que tangenciam os interesses compartilhados entre esses atores. Realizou-se também uma análise dos discursos proferidos por figuras políticas do campo evangélico, destacando-se particularmente as declarações de Bolsonaro. Constatou-se uma pauta discursiva embasada numa luta de “bem” contra o “mal” e no “nós” contra “eles”; numa espécie de guerra santa contra a esquerda, que, supostamente, atentaria contra a família e os ideais do cristianismo conservador.

Palavras-chave

Populismo. Religião. Evangélicos. Bolsonaro.

Abstract

Focusing on religious populism, this study aims to analyze the practices and discourses of Jair Bolsonaro during his presidential term in Brazil (2019–2022). The investigation examines institutional relationships between religious leaders and the federal government. In this regard, the study analyzes the appointment of evangelical leaders, as well as decrees and laws that align with the shared interests of these actors. Additionally, it includes an analysis of speeches delivered by political figures from the evangelical field, with particular emphasis on Bolsonaro’s statements. The findings reveal a discursive agenda based on a struggle between “good” and “evil” and a “we” versus “them” dynamic—framing a sort of holy war against the left, which is purportedly seen as a threat to the family and the ideals of conservative Christianity.

Keywords

Populism. Religion. Evangelicals. Bolsonaro.

Introdução

A ascensão de líderes populistas de extrema-direita, em diversos países pelo mundo, estimulou a realização de estudos de diferentes perspectivas na tentativa de compreender causas e configurações do populismo global. A eleição de Donald Trump nos EUA, o fortalecimento de Marine Le Pen na França, a escalada antiliberal de Viktor Orbán na Hungria e a vitória de Jair Bolsonaro no Brasil, incitaram análises sobre como se constituíram as bases de apoio, motivações e os potenciais riscos para a democracia-liberal (Tormey, 2019). Em comum, tais líderes alegam serem representantes do povo esquecido e utilizam a ideia de maioria para justificar suas narrativas, o que revigora o debate sobre o populismo.

Seja de esquerda ou direita, para Rosanvallon (2020), a concepção populista de democracia simplifica e ameaça as estruturas institucionais que garantem o equilíbrio do poder. Já Müller (2017) vê o populismo como contrário ao pluralismo democrático, promovendo uma visão moralista e idealizada de um povo supostamente unido. Tormey (2019) o descreve como um estilo político que antagoniza “o povo” e as “élites”, incitando crises para desafiar o *establishment* e oferecer soluções redentoras, capitaneado por líderes carismáticos que usam uma linguagem direta e franca para alcançar as massas.

Eatwell e Goodwin (2020), por outro lado, apontam quatro principais influências para o avanço do fenômeno: desconfiança no sistema democrático; temores em relação à imigração e a perda da identidade nacional; aumento das desigualdades sociais devido à globalização; e, enfraquecimento dos vínculos entre eleitores e partidos tradicionais. Esses fatores contribuem para o surgimento de movimentos populistas e nacionalistas que questionam as democracias liberais modernas.

Na esteira desses acontecimentos, o avanço do cristianismo conservador e reacionário¹ na estrutura política de países como o Brasil e os Estados Unidos têm influenciado decisivamente na plataforma política de líderes como os já citados, Trump e Bolsonaro. Os evangélicos brancos conservadores, em sua ampla maioria, votaram em Donald Trump, fornecendo a ele 81% dos votos desse segmento em 2016, e também foram uma base fiel de apoio durante seu mandato. Ele ainda encontrou votação mais expressiva em 2024, quando foi o candidato eleito para o retorno à Casa Branca. No Brasil, de acordo com o Instituto Datafolha, em uma pesquisa realizada em 25 de outubro de 2018, o segmento evangélico² votou em peso em Bolsonaro no pleito eleitoral daquele ano,

1 Apesar do amplo debate em torno dos usos destes conceitos e a falta de consenso na teoria política, em suma os conservadores enfatizam a tradição e rejeitam a noção progressista de mudança, optando por uma perspectiva gradual de transformações sociais, enquanto os reacionários buscam transformações radicais para recriar um passado perdido (Lynch, 2018; Mannheim, 1959).

2 É importante salientar que os termos “protestante” e “evangélico” são utilizados para se referir à

totalizando cerca de 20,5 milhões de votos válidos, em contraste com Fernando Haddad (PT), que obteve 9,5 milhões desses eleitores (Souza, 2018; Almeida, 2019). Importantes lideranças evangélicas brasileiras, como Silas Malafaia, Edir Macedo e Marco Feliciano (PL), tornaram-se apoiadores do agora, ex-presidente. Diante disso, não podemos desconsiderar a influência deste grupo que vem se notabilizando por difundir uma linguagem contrária aos preceitos progressistas de organização da vida social.

No cenário político de 2018, Bolsonaro capitalizou eleitoralmente os evangélicos, usando a linguagem do “nós” para se conectar ao grupo, retratando os oponentes como “eles”, rotulados como “esquerdistas” e “comunistas” (Bissiati, 2022). Esta aliança se fortaleceu durante seu mandato, com a nomeação de líderes protestantes para altos cargos no governo, encontros frequentes com a bancada e pastores evangélicos e aprovação de leis alinhadas aos seus interesses.

Os discursos de Bolsonaro foram (e ainda são) saturados de referências a elementos da simbologia cristã, especialmente associadas ao pentecostalismo. Sendo estes permeados por menções ao “povo de Deus” e ataques direcionados aos opositores. Tendo em vista todo esse contexto, nosso objetivo é investigar como a retórica populista religiosa de natureza cristã desempenhou um papel crucial na estratégia política de Jair Bolsonaro durante seu mandato presidencial, ao mesmo tempo em que consolidou sua relação com um dos maiores grupos sócio religiosos e políticos na sociedade brasileira.

Dessa maneira, tomamos como questão central desse artigo o modo como se balizou a estratégia político-discursiva de Bolsonaro no que se refere ao universo religioso cristão conservador e reacionário, com destaque para o segmento evangélico. Diante disso, partimos do pressuposto de que parte dos discursos do então Presidente, durante seu mandato, exploravam uma lógica maniqueísta do nós (cristãos)³ versus eles (petistas/comunistas).

Neste sentido, com o intuito de alcançar tais respostas, o presente trabalho está dividido em oito seções. Nas duas primeiras, realizamos uma breve discussão histórica e revisamos a literatura sobre a relação entre cristianismo e política no Brasil, além de apresentar a metodologia adotada. Nas cinco seções subsequentes, discutimos os discursos populistas de viés religioso de Bolsonaro e de algumas lideranças do grupo. Por fim, concluímos com um balanço reflexivo sobre a problemática do artigo.

esfera religiosa formada por denominações cristãs originárias da Reforma Protestante do século XVI, tanto no contexto latino-americano, quanto no Brasil. Logo, tais terminologias abrangem as denominações protestantes históricas, bem como as pentecostais e neopentecostais, que compõem um quadro religioso complexo e plural (Mariano, 2014).

3 Vale dizer que o “nós” aqui abordado, diz respeito a uma identidade religiosa que perpassa o campo evangélico, abrangendo outras vertentes do cristianismo, em especial o catolicismo.

Cristianismo e política no Brasil: uma breve discussão

A relação entre política e religião no Brasil não é recente. Estudos de Sérgio Miceli (2009) indicam uma relação entre elites católicas e o poder estatal nos séculos XIX e XX, demonstrando a permanência do catolicismo no espaço público após a proclamação da República em 1889⁴. Já Gedeon Alencar (2018) destaca a inserção evangélica no Brasil desde o século XVIII, com a chegada dos luteranos, culminando no pentecostalismo que se consolidou como a principal força religiosa evangélica no início do século XX.

A importância do cristianismo no tecido sociopolítico nacional continuou sendo objeto de estudo nas Ciências Humanas. Pesquisas sobre o pensamento político católico examinaram como clérigos e leigos se aliaram a ideologias diversas, como o conservadorismo, reacionarismo, fascismo, socialismo, comunismo e o liberalismo, entre outras (Pinheiro Filho, 2007; Jalles de Paula, 2012; Libanio, 2012; Bertonha, 2013; Cassimiro, 2018; Godoy, 2020). Grande parte dessas investigações se concentrou no período do getulismo e da ditadura militar, focando mais em intelectuais do que em políticos diretamente.

Em relação aos estudos sobre os evangélicos, o número de trabalhos nas humanidades é menor em comparação com os dedicados ao catolicismo, especialmente até meados da década de 1970. No entanto, pesquisas como as de Benjamin Cowan (2014) apontam que membros do protestantismo estiveram envolvidos em questões políticas no Brasil até mesmo antes da instauração do Regime Militar (1964-1985), embora com um peso político significativamente menor. Porém, é com a redemocratização brasileira iniciada nos anos de 1980 que ocorre um notável crescimento de trabalhos dedicados aos evangélicos na política, sobretudo pela maneira como a noção de que “crente não se mete em política” é substituída pelo jargão “irmão vota em irmão” (Freston, 2022).

Na literatura que se debruçou sobre esse fenômeno em ascensão, há um campo consolidado de estudos referentes aos desdobramentos empíricos do capital eleitoral e institucional dessa esfera religiosa, cujo destaque é o do protagonismo dos pentecostais, não só no número de parlamentares eleitos, mas também no controle da chamada Bancada Evangélica (Boas, 2013; Smith; 2019). Por outro lado, ancoradas em perspectivas de cunho sociológico e antropológico consolidou-se também uma gama de análises que se destinaram a compreender a crescente capilaridade sociocultural e demográfica das denominações pentecostais e neopentecostais no Brasil e no continente latino-americano (Mariano, 2014; Machado e Burity, 2014; Guadalupe, 2020).

Parte significativa dessas reflexões já captava, desde a Constituinte, a simbiose entre algumas lideranças políticas evangélicas e os valores característicos do campo

4 O catolicismo fincou raízes no Brasil desde que Portugal colonizou o território, permanecendo a religião oficial até o século XIX.

conservador (Sydnei Júnior, 2021). Nesse contexto, de confluência ideológica entre uma parcela evangélica e ideias de direita, também é importante destacar o papel desempenhado por católicos conservadores, que intensificaram no debate público temas como a oposição ao aborto, a resistência ao reconhecimento da diversidade sexual e a defesa de um ensino cristão na rede educacional brasileira (Rocha, 2020). Isso revela a complexidade do campo religioso brasileiro, ao evidenciar que a chamada “onda” conservadora no cristianismo não está restrita às fileiras evangélicas.

Por outro lado, a ascensão de igrejas e lideranças evangélicas no cenário político, especialmente as vinculadas ao movimento pentecostal, continua a ocupar um lugar de destaque na democracia brasileira. Tais denominações passaram a exercer influência no Congresso, especialmente em pautas moralistas e conservadoras. Projetos de lei como o Estatuto do Nascituro e a CPI da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes são exemplos das iniciativas da Frente Parlamentar Evangélica. Embora posicionamentos e lideranças conservadoras predominem no grupo, dada a vasta expansão do campo, evangélicos progressistas também se destacam no debate público.

A articulação político-religiosa moralizante levou o grupo a se aproximar de lideranças situadas no espectro oposto à esquerda, representada principalmente pelo PT. Estudos como o de Ronaldo Almeida (2019) demonstram como a direita se uniu em torno de pautas cristãs conservadoras, promovendo uma retórica que defende valores familiares e ataca o comunismo e a diversidade de gênero. Isso fortaleceu a união entre Bolsonaro e as principais forças evangélicas.

Nesse contexto, a “moralização da política” tem sido um elemento central no populismo brasileiro e global, caracterizando-se pela rejeição à pluralidade social e pelos ataques a minorias étnicas, sexuais e religiosas (Finchelstein, 2020). Além do conceito de populismo em sua acepção mais comum, vem ganhando força no debate acadêmico a noção de *populismo religioso* (Zúquete, 2017). Na Europa e em certa medida no já mencionado governo Trump nos Estados Unidos, o termo descreve, sobretudo, discursos e ações de lideranças da extrema-direita, que acusam a população islâmica e/ou imigrantes presente no continente, bem como políticos de viés cosmopolita, de subjugarem a cultura ocidental e exporem a população aos supostos perigos que a imigração acarretaria à suas identidades (De Hanas e Shterin, 2018).

Por fim, vimos que estudos recentes investigam o comportamento político de parlamentares evangélicos e as dinâmicas culturais entre os protestantes. E que apesar da literatura sobre populismo religioso focar principalmente na Europa e nos Estados Unidos, este artigo busca contribuir ao explorar o caso brasileiro, em que Bolsonaro e o campo evangélico são cruciais para entender os fenômenos que moldam a política contemporânea no Brasil. No tópico seguinte fazemos uma breve apresentação da maneira como coletamos os dados empíricos que embasam nossa argumentação.

Materiais e Métodos

A metodologia do trabalho é de abordagem qualitativa, utilizando-se de uma análise discursiva de pronunciamentos do ex-presidente Jair Bolsonaro e de figuras públicas do campo evangélico durante o mandato (2019-2022), com ênfase na temática religiosa de matriz cristã. A abordagem teórico-metodológica baseia-se nas proposições do historiador do pensamento político John Pocock, um dos fundadores do contextualismo linguístico. Pocock define que “quando falamos em linguagens (*languages*), queremos significar sobretudo sublinguagens: idiomas, retóricas, maneiras de falar sobre política, jogos de linguagem distinguíveis, cada qual podendo ter seu vocabulário, regras, precondições, implicações, tom e estilo” (2003, p. 65).

A coleta dos discursos foi realizada em 2022 a partir de fontes oficiais, como o site da Biblioteca da Presidência da República, e reportagens publicadas, com destaque para o jornal *Folha de São Paulo*⁵. Para garantir precisão na obtenção dos dados, utilizamos termos de busca como “Deus”, “Povo”, “Cristãos”, “Inimigos” e “Nação”. Posteriormente, selecionamos aqueles em que a temática político-religiosa se apresentava como central. A seguir, os dados foram analisados e os principais trechos foram recortados para discussão no presente trabalho.

O primeiro ano do Governo Bolsonaro

Em 1º de janeiro de 2019, Bolsonaro tomou posse como presidente. Teve início um governo que se caracteriza pela confluência de três vetores ideológicos que compõem sua linguagem política: o saudosismo militar, especificamente, com o período ditatorial (1964-1985); o neoliberalismo, capitaneado na pessoa de Paulo Guedes; e, o moralismo religioso de raízes cristãs (Goldstein, 2019). Figuras filiadas a cada uma dessas correntes ganharam lugar de destaque no alto escalão da administração federal⁶. Posto que nosso foco é a relação de Bolsonaro com os cristãos evangélicos⁷, vamos analisar a relação com os agentes específicos desse grupo religioso.

- 5 Apesar do foco do artigo ser a análise e compreensão dos discursos, como apporte secundário na construção do argumento, foram realizados levantamentos sobre as nomeações de líderes evangélicos em cargos governamentais, bem como decretos e leis relacionados aos interesses mútuos desses atores.
- 6 Os ministros evangélicos nomeados em 2019, foram: Pastor presbiteriano André Mendonça, Damares Alves (Republicanos), pastora da Igreja Batista da Lagoinha, Onyx Lorenzoni (PL), membro da Igreja Luterana; Marcelo Alvares Antônio (PL), membro da Igreja Maranata; General Luiz Eduardo Ramos (sem partido), membro da Igreja Baptista.
- 7 Só em 2019 foram cerca de 40 encontros oficiais de Jair Bolsonaro com integrantes do campo protestante segundo o jornal Extra. A reportagem pode ser acessada pelo seguinte link: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/bolsonaro-teve-40-compromissos-oficiais-com-evangelicos-so-em-2019-24251823.html>.

Em meados de 2019, o agora ex-presidente e sua esposa Michelle Bolsonaro (PL) participaram de um evento do segmento em Brasília/DF denominado Celebração Internacional 2019: “Conquistando pelos olhos da Fé”, sendo organizado pelo Bispo neopentecostal Robson Rodovalho. Nesta celebração, o então mandatário proferiu um discurso tomado por um linguajar religioso, afirmando que:

O que eu posso falar de mim já que muitas semanas se passaram, acredito que essa solidão do poder, ela venha por dois motivos: o primeiro pelo descompromisso da lealdade ao povo brasileiro e o segundo pelo afastamento do nosso criador. Os problemas existem, mas a vontade de acertar, o fato de ter amigos ao seu lado, dentro e fora do palácio, ter uma família - que é a base para aqueles que queiram fazer qualquer coisa de bom -, é o que nos alimenta. Assim sendo eu agradeço a Deus por estar vivo e pela missão e a grande parte do povo brasileiro, entre eles, vocês aqui, por ter confiado essa difícil missão, mas Deus sabe o que faz, capacita os escolhidos e tendo a verdade acima de tudo, nós temos certeza de que a missão será cumprida. [...] (Brasil, 2019).

Bolsonaro procura demarcar sua diferença em relação aos outros chefes do Executivo Federal que o antecederam a partir da ênfase em sua “lealdade” ao povo e de sua proximidade com Deus, sugerindo uma prática oposta à dos demais presidentes. Além disso, o aspecto moralizante se apresenta ao mencionar a importância da família como base do bem e ao considerar-se escolhido pelo Criador para cumprir a missão de governar o Brasil. Muito do que foi dito encontra eco em um *modus operandi* político reacionário e conservador de exaltação do povo autenticamente cristão, cultivador da família e das tradições, além de se amparar na ideia de um país ancorado na precedência da autoridade religiosa (Lynch; Cassimiro, 2021).

Em outro evento, em dezembro de 2019, organizado pelo próprio Bolsonaro, diversas lideranças políticas e religiosas da seara evangélica estiveram presentes. Os aceitos seguiram fortes em relação às pautas defendidas pelo grupo, principalmente o desejo de trocar a embaixada brasileira em Israel de Tel Aviv para Jerusalém⁸. No aspecto simbólico, destacou-se novamente o fato da construção de sua legitimidade política ter como norte sua fidelidade a Deus.

Inauguramos nosso escritório de negócios em Jerusalém. Venho conversando com líderes do mundo árabe. Estamos trabalhando para atingir nosso objetivo (...) Não basta compromisso apenas de campanha. Devemos fazê-lo de modo que todos entendam seu real objetivo. O meu é lealdade a Deus. (Estadão, 2019).

Para além dessa narrativa criada por Bolsonaro em torno da noção de ser um Presidente leal e “ungido” por Deus e de enfatizar uma luta do “bem” contra o “mal”,

⁸ A pretendida troca é reivindicação antiga dos evangélicos no Brasil, embora contestada pela diplomacia nacional e internacional, tendo em vista os conflitos entre Árabes e Judeus em torno da cidade de Jerusalém.

com menções a Deus e ao cristianismo como elementos basilares, a relação com o campo evangélico se intensificou ainda mais em 2019, tendo sido o primeiro Presidente a comparecer naquele que é considerado o maior evento evangélico do Brasil, a conhecida Marcha para Jesus⁹ (Balloussier; Tavares, 2019).

No evento, o então Presidente afirmou que o Brasil “tem um problema seríssimo de moral, ética e economia”. Disse também, em referência a Deus, que “Foi Ele quem nos deu a Presidência” e que governava “um Estado que é laico, mas ele é cristão”. Afirmando ainda que os evangélicos “foram decisivos para mudar o país” e que, se era Deus acima de todos, logo depois vinha “a família respeitada e tradicional acima de tudo”.

O apóstolo Cesar Augusto, da Igreja Apostólica Fonte da Vida, fez uma oração para o mandatário e disse que, com Bolsonaro no poder, “as mudanças já começaram” e ainda ressaltou: “Tenho certeza que o senhor vai fazer a marcha por mais oito anos. O senhor é um homem de Deus. Com coragem de declarar Deus acima de todos” (Balloussier; Tavares, 2019).

Em todos os eventos mencionados, o ex-mandatário se refere ao povo e ao campo cristão, sobretudo os evangélicos, como protagonistas de sua vitória e da “mudança” de que o país precisava, alegando que faltava no Palácio do Planalto a presença de Deus. Na perspectiva de Bolsonaro e dessas lideranças, o espaço público nacional deve, por excelência, conter a linguagem religiosa por eles professada, tendo em vista nossas supostas “raízes judaico-cristãs”. Trata-se da mobilização de um repertório discursivo composto por linguagens e sublinguagens próprias da política, tal como analisado por Pocock (2003), que entende o discurso político como formado por vocabulários historicamente situados e carregados de significados normativos. Essa gramática discursiva tem boa recepção junto a um eleitorado que valoriza a presença da religião na vida social. Assim, as linguagens da fé ganham espaço no campo político e, em contrapartida, o discurso político passa a ressoar no interior das práticas e sensibilidades religiosas.

O segundo ano de Governo Bolsonaro

O ano de 2020 também foi marcado por consideráveis acenos de Bolsonaro aos evangélicos, principalmente às denominações do gradiente pentecostal. O foco em ocupar espaços no governo com o intuito de barrar políticas progressistas continuou sendo uma tônica. A chegada da pandemia da Covid-19 no Brasil e os seus impactos na sociedade também foram combustível político para o estreitamento dessa relação, permitin-

9 Idealizado em 1993 pela igreja do pastor Hernandes Dias Lopes, a Renascer em Cristo, o evento tem um grande peso simbólico para os evangélicos e, ano após ano, vem arregimentando milhares de pessoas em diversas capitais do país, principalmente dos setores pentecostais e pentecostalizados do protestantismo nacional.

do uma confluência de discursos e ações políticas entre Bolsonaro e os evangélicos, que marcou não só o histórico dessa relação, mas a imagem do mandatário no mundo.

No âmbito da ocupação de cargos, em janeiro de 2020 o governo nomeou o professor Benedito Guimarães Aguiar Neto para a presidência da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)¹⁰. A nomeação foi comemorada por evangélicos membros do governo e por pastores, pois, além de ser evangélico, Benedito se notabilizou por ser um defensor do criacionismo¹¹ e ensiná-lo nas escolas de educação básica e no ensino superior. Como se sabe, tal teoria não encontra respaldo na comunidade científica nacional e internacional, do mesmo modo que seu ensino nos mais variados níveis de aprendizado é considerado um retrocesso educacional.

Dando seguimento às nomeações no âmbito da educação, em julho do mesmo ano, para substituir Carlos Alberto Decotelli no comando do Ministério da Educação (MEC), Bolsonaro nomeou o pastor Milton Ribeiro¹². Sua nomeação contou com a influência da Frente Parlamentar Evangélica (FPE); afinal, ter um dos seus na chefia do MEC representava um fortalecimento do front ideológico cristão conservador perante a “doutrinação” de esquerda supostamente “entranhada” no ministério.

Contudo, nesse ano específico, o ápice de todo esse nexo entre Jair Bolsonaro – com seus acenos – e as lideranças evangélicas, deram-se no âmbito dos acontecimentos políticos, epidêmicos e sociais decorrentes da pandemia de SARS-CoV-2 que acometeu o Brasil e o mundo. Diante do alto grau de proliferação do vírus e das mortes causadas pela Covid-19, ainda em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) já recomendava e afirmava que o isolamento social era a medida mais eficaz e necessária no combate à pandemia. Porém, o governo de Bolsonaro, contando com o apoio das lideranças religiosas, amparou-se no discurso religioso e economicista para sabotar essas medidas de contenção do patógeno. Nesse ensejo, o então mandatário passou a expressar sua oposição ao *lockdown* e a defender o retorno imediato das atividades econômicas. Segundo ele, era supostamente para salvar a economia e o trabalho das pessoas, além de garantir o livre exercício da crença e dos cultos religiosos, desconsiderando o fato de que as aglomerações são um dos principais vetores de circulação do vírus.

Bolsonaro, junto a parlamentares da FPE, atuaram politicamente para garantir o funcionamento das igrejas durante o período pandêmico. Trabalharam contra a implementação do Projeto de Lei nº 1.179/2020 (Brasil, 2020a), que, entre outras medidas, impediria a abertura dos templos religiosos até a data de 30 de outubro de 2020. Mas

10 Em abril de 2021 Benedito foi exonerado do comando da CAPES pelo então Ministro Milton Ribeiro.

11 O criacionismo, em um sentido mais amplo, é a crença de que o homem, a vida em geral, o planeta Terra e o universo foram criados por um ente sobrenatural. No caso dos cristãos, o criador de tudo é Deus.

12 Sobre a nomeação, cf. Ribeiro (2020).

foi mesmo na emissão do Decreto nº 10.282/2020 (Brasil, 2020b) – que, em linhas gerais, permitiu a classificação das atividades religiosas como essenciais no período da pandemia – que o mandatário selou sua intenção de brandir contra as recomendações das autoridades sanitárias e seguir dando afagos a grupos evangélicos.

No dia 26 de março, a FPE fez uma publicação em sua página oficial no *Facebook*, em que comemorava a criação do decreto que liberava o funcionamento das igrejas (Frente Parlamentar Evangélica, 2020). O decreto, que foi tido como símbolo da luta pela liberdade religiosa no meio evangélico, causou diferentes posicionamentos em estados e municípios, conforme decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) no mês de abril (STF Reconhece..., 2020). No Rio de Janeiro, por exemplo, o então prefeito, e bispo da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), Marcelo Crivella, anunciou que os templos religiosos poderiam seguir abertos no município com o uso obrigatório de máscaras e mantida a distância mínima de dois metros entre os fiéis, além de outras medidas recomendadas pelo Ministério da Saúde (Coelho, 2020).

Além das articulações da FPE, próximo ao período da Páscoa, foi construído um vídeo divulgado no canal do YouTube da Igreja Batista Getsêmani com o título “Clamor e jejum pelo Brasil - 05 de abril - convocação do presidente Jair Messias Bolsonaro”, objetivando convocar a população para o #JejumPeloBrasil, marcado para 5 de abril de 2020 (Clamor e Jejum..., 2020). O vídeo apresenta uma série de lideranças evangélicas, como Edir Macedo (IURD), Silas Malafaia (ADVEC), André Valadão (IBL), R. R. Soares (Igreja Internacional da Graça de Deus), Apóstolo Valdemiro Santiago (Igreja Mundial do Poder de Deus) dentre outros que apoiaram o apelo econômico neoliberal no discurso de Bolsonaro, que defendia a quarentena vertical¹³ diante da emergência sanitária.

O pastor Silas Malafaia foi uma das principais figuras que apoiaram as políticas de saúde do presidente. Sua proximidade com Bolsonaro é notória, já que o então presidente frequentou sua igreja e até celebrou nela seu casamento com Michelle em 2013. Malafaia também foi um dos primeiros a visitar Bolsonaro no hospital após o atentado à faca durante as eleições de 2018 e recebeu-o para uma oração de celebração após a vitória eleitoral (Py; Shiota; Possmozer, 2020). Durante a pandemia, o pastor ampliou seu apoio, especialmente por meio de vídeos no *YouTube*. Em um desses vídeos, intitulado “Concordo com Bolsonaro! O que é pior: Coronavírus ou caos social?”, gravado em 25 de março de 2020, o pastor defendeu vigorosamente a quarentena vertical. Sua argumentação baseou-se em estatísticas pouco rigorosas, mencionando o baixo número de mortes em pessoas com menos de 50 anos na Itália até aquele momento, enfatizando que o referido país tem uma população idosa significativa e por isso os casos de morte

13 Esse tipo de quarentena, que é amplamente criticada pela OMS, presume que somente os grupos vulneráveis fiquem em isolamento, sendo permitida a circulação de pessoas saudáveis mesmo durante os picos de contaminação do vírus.

estavam altos por lá (Pr. Silas..., 2020).

Dessa forma, pode-se perceber que ampla parte das lideranças evangélicas de renome nacional foram as principais bases de sustentação política do governo naquele ano, assim como a mais enfática na defesa da narrativa sobre os meios nada ortodoxos de lidar com a propagação do vírus defendida por Bolsonaro ao longo de todo o período da pandemia. Ancorados em uma visão regressiva, fatalista e fantasiosa, em 2020 esses atores acentuaram um nexo político fortemente orientado pela criação de falsas narrativas e da ameaça de supostos “inimigos”.

O terceiro ano de Governo Bolsonaro

O terceiro ano de governo de Bolsonaro continuou sendo recheado de acenos discursivos e políticos ao segmento evangélico. Nomes conhecidos do campo pentecostal buscaram expressar ainda mais a sua força junto a Bolsonaro, dessa vez apoando fortemente a indicação de um evangélico para o STF. Era objetivo, tanto do presidente como das alas mais ideológicas do governo, povoar os mais variados espaços do Estado brasileiro com nomes “conservadores”. Desse modo, o nome de André Mendonça, então ministro da Advocacia Geral da União (AGU), ganhou destaque como o possível indicado. Pastores como Silas Malafaia, Estevam Hernandes (Igreja Apostólica Renascer em Cristo) e César Augusto (Igreja Apostólica Fonte da Vida), que estiveram ao lado do presidente Bolsonaro em um evento com conotações golpistas no dia 7 de setembro, uniram-se para apoiar essa indicação.

Eles afirmaram que não considerariam outro candidato além de Mendonça, citando seu alinhamento com o governo. Nesse período, Bolsonaro buscou reiterar sua intenção de nomear alguém do segmento para a Suprema Corte. “Se sair o André, no meu compromisso que fiz junto aos evangélicos, será outro evangélico. Eu acho que o André vai dar certo” e seguiu dizendo “o melhor nome dentro daquele compromisso que eu fiz de indicar o terrivelmente evangélico” (Vargas, 2021).

Como sabido, a intenção de nomear o seu ex-ministro, vinculado ao campo religioso e conservador, servia a um propósito ideológico. Em um outro encontro com evangélicos, ao se referir a André Mendonça, Bolsonaro disse: “Não queremos perseguir ninguém. Queremos é levar paz lá para dentro, o equilíbrio que essas pautas sobre conservadorismo que estão o tempo todo dentro daquela Casa” (Pitombo; Vieira, 2021). O nome de André Mendonça foi aprovado no Senado e, posteriormente, tomou posse como ministro no STF. Em ambas as ocasiões, o pastor, e agora ministro da Suprema Corte brasileira, participou de comemorações com diversas lideranças evangélicas e com o presidente Bolsonaro.

Na esfera dos pronunciamentos e discursos, assim como fez em 2019, Bolsonaro repetiu a dose, proferindo famosos jargões ligados à temática da corrupção, do perigo do socialismo e na recuperação de um país fundamentados nos preceitos conservadores e reacionários.

Estamos há dois anos e oito meses sem qualquer caso concreto de corrupção. O Brasil tem um presidente que acredita em Deus, respeita a Constituição, valoriza a família e deve lealdade a seu povo. Isso é muito, é uma sólida base, se levarmos em conta que estávamos à beira do socialismo (Leia..., 2021).

O mandatário retomou um determinado sentido de povo e atrelou sua liderança como alguém crente em Deus, além de se colocar como a figura que estava “livrando” o Brasil do socialismo. Nesse caso, os elementos de esquerda são colocados por ele como “inimigos” da moral tradicional, sobretudo, a cristã (Lynch; Cassimiro, 2021).

Nessa mesma direção, em um dos muitos encontros com evangélicos, ele seguiu atacando a esquerda e o PT. Referindo-se às mudanças e conquistas ideológicas no campo da educação de seu governo, Bolsonaro disse: “Olha, aquele partido [PT] que esteve com o MEC [Ministério da Educação] entregue por 12 anos a uma pessoa [Fernando Haddad], que ficou para trás comigo no segundo turno. E hoje nós temos um pastor no MEC” (Coletta, 2021). Isso demonstrou a obsessão pela pauta moral e ideológica, tanto de Bolsonaro, como dos evangélicos que o apoiaram, nessa e em outras áreas da administração federal.

Neste sentido, ele se utiliza de preceitos característicos do populismo, ao destacar uma visão moralista que supõe um povo supostamente unido (Müller, 2017) — neste caso, unido em torno de uma proposta conservadora que celebra ter um pastor à frente do Ministério da Educação e outro ocupando uma cadeira no Supremo Tribunal Federal. A mobilização de lideranças religiosas para garantir espaços estratégicos no aparato estatal, como o STF e o MEC, não apenas evidencia o fortalecimento da aliança entre Bolsonaro e o campo evangélico, como também revela uma lógica política típica do populismo contemporâneo. Ao afirmar que a presença de pastores nessas instituições representa o povo e os valores da nação, o presidente busca construir uma identidade simbólica entre os seus aliados e “o verdadeiro Brasil” — contrapondo-os à elite política, à esquerda e a qualquer ator identificado como inimigo dos princípios morais tradicionais. Nessa construção, o populismo se manifesta como uma operação discursiva que não apenas nomeia um inimigo comum, mas também delimita quem pertence ou não ao corpo moral da nação (Müller, 2017; Eatwell e Goodwin, 2020).

Assim, o discurso de Bolsonaro opera como uma forma de religiosidade política que se ancora em afetos morais e visões apocalípticas sobre o destino do país. Ao evocar constantemente a corrupção passada, o avanço do socialismo e a suposta decadência

dos costumes, ele estabelece uma retórica de salvação nacional centrada em sua figura — aquele que “crê em Deus”, “valoriza a família” e “respeita a Constituição”. Portanto, o terceiro ano de governo esboçou a continuidade da potente sinergia política e ideológica entre os principais líderes do universo evangélico e Jair Bolsonaro.

O quarto ano de Governo Bolsonaro

O último ano de mandato foi também ano eleitoral. As relações entre Bolsonaro e os evangélicos foram intensificadas pelos encontros, pronunciamentos e visitas do ainda presidente a templos e eventos evangélicos. Seus discursos seguiram permeados de alusões a Deus, família, fé e o “nós” contra “eles”, remetendo a esquerda ao espectro nocivo da política nacional. Por exemplo, na Marcha para Jesus realizada em Curitiba, em maio de 2022, foi recebido por pastores e discursou para milhares de pessoas que ali estavam presentes. Seguindo a mesma linha de tantos outros pronunciamentos, ele disse:

O Brasil é uma referência para o globo todo. [...]. Nós juntos, com fé atingiremos os nossos objetivos. É uma missão que eu tenho e só Deus me tira daquela cadeira”, [...]. “A nossa fé é inabalável”, [...]. Não há diferença entre nós. O nosso currículo no dia do ponto [sic] final será aquilo que fizemos nessa breve passagem pelo planeta Terra (Luc; Pamplona, 2022).

Em um claro afronte aos seus adversários políticos e às instituições da República, Bolsonaro coloca Deus como o único capaz de retirá-lo da presidência, além de falar em “nossa fé”, para se inserir como parte do público evangélico, discursivamente identificado por ele como “nós”. A mobilização de toda uma narrativa moralizante que, como sabido, é amplamente bem aceita pelo segmento, também se repetiu em seu discurso em um outro evento, o Esperança Rio, ocorrido em junho, na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro. Após se referir à questão econômica, disparou: “Temos um outro problema, este espiritual que o Brasil não está ausente, que é a luta do bem contra o mal”. E, sobre aplausos do público presente, concluiu, [...]. “Defendo a família e a liberdade como bem maior, a incluir a liberdade religiosa” (Rocha, 2022).

Já na maior edição da Marcha para Jesus, ocorrida em São Paulo, em julho, o então presidente seguiu a mesma toada: “Temos uma posição aqui: somos contra o aborto, contra a ideologia de gênero, contra a liberação das drogas e somos defensores da família brasileira” (Balloussier; Oliveira; Pescarini, 2022). Em seguida, a bispa Sônia convidou a plateia a abençoar o presidente, remetendo sua fala também ao tema da família. Como disse a religiosa, “Eu quero orar representando todas as mães do Brasil. Não quero filhos drogados, não quero que a malignidade entre na nossa terra. Então, levanta a tua mão porque aqui tem um homem de família. E nós precisamos que ele continue”

(Spyer, 2022). A alusão à “luta do bem contra o mal”, marca do populismo reacionário de direita (Lynch; Cassimiro, 2021), passa a ser uma tônica ainda mais efusiva na performance discursiva desses atores, numa clara ofensiva política que visava ampliar o apoio da população evangélica à candidatura presidencial de Bolsonaro, de modo que a agenda do mandatário esboçou uma verdadeira peregrinação político-religiosa pelo Brasil em busca do voto cristão.

Em eventos da Igreja Assembleia de Deus no estado do Maranhão e em Minas Gerais, falando sobre o processo eleitoral, o ainda presidente seguiu associando sua figura e a disputa política ao imaginário cristão. Em Juiz de Fora (MG), falou da responsabilidade política e religiosa que tinham os evangélicos, sobretudo em apoá-lo, pois, “Muitas vezes você pode fazer alguma coisa e lavar as mãos. Está na Bíblia o que aconteceu com Jesus”, e comparou, “Por vezes, no Brasil, nós passamos por momentos em que as mãos de todos nós decidem o futuro de uma pátria, se vocês querem que esse povo continue livre ou não” (Boghossian, 2022).

A ideia de “liberdade” também é recorrentemente utilizada por Bolsonaro em seus mais variados pronunciamentos, não só, mas principalmente, naqueles voltados para o campo religioso cristão. Promovendo, assim, uma espécie de pânico e/ou *cruzada moral* no imaginário dessas pessoas, em que a liberdade de existência dos preceitos do tradicionalismo cristão estaria supostamente correndo o risco de ser cerceada com uma eventual vitória do comunismo e da dita “ideologia de gênero”, capitaneadas pelas lideranças de esquerda (Miskolci, 2018).

A maratona político-eleitoral de Bolsonaro junto aos evangélicos, contou com diversas reuniões junto a pastores no Palácio do Planalto para reforçarem o mútuo apoio. Em um desses encontros, disse: “[...]. como eu acredito em Deus, se fosse para estar do outro lado, nós não seríamos escolhidos. Eu falo ‘nós’ porque a responsabilidade é de todos nós. Eu dirijo a nação para o lado que os senhores assim o desejarem” (Coletta; Holanda, 2022). Tais afirmações refletem – mesmo que discursivamente – o peso político que o evangelicalismo teve para Bolsonaro, além de demonstrar uma negação do caráter laico do Estado e da pluralidade religiosa inerente à sociedade brasileira, haja visto o manifesto de sua intenção em direcionar o país para onde um determinado grupo religioso deseja.

Dentre o repertório bélico de palavras mobilizadas tanto por Bolsonaro quanto por parte das lideranças evangélicas que o apoiam – principalmente as do campo pentecostal –, a noção de guerra foi fortemente difundida também por eles nesse evento. O pastor Agenor Duque, da Igreja Plenitude do Trono de Deus, fez a seguinte afirmação: “Estamos travando uma guerra tão grande como esta que está acontecendo agora”. E, endossando a noção da oposição/esquerda como “inimigo” – que deve ser eliminado –, acrescentou, “Não é simplesmente a esquerda contra a direita, é o céu contra o inferno. Não vamos negociar nossa fé, aquilo que cremos” (Coletta; Holanda, 2022).

Outros pastores também fizeram pronunciamentos nesse sentido. Silas Malafaia falou que “O que está em jogo neste país não é paixão política. O que está em jogo é nossa nação. Querem entregar o Brasil para a China” (Coletta; Holanda, 2022), retomando o “perigo” do comunismo e creditando a Bolsonaro o único nome capaz de evitar isso. E, numa clara demonstração de afinidade ideológica com o espectro conservador e reacionário, o bispo J. B. Carvalho, da agremiação religiosa Comunidade das Nações, relatou:

Há décadas nós oramos pelo Brasil. Eu acabei de chegar dos Estados Unidos e meus amigos americanos perguntam se Donald Trump era a resposta à oração deles. Agora eles sabem que Trump é a resposta à oração deles. Eu espero que, antes que seja tarde, nós saibamos que Jair Bolsonaro é a resposta às orações da igreja [...] (Coletta; Holanda., 2022).

Ao comparar Bolsonaro a Trump, o pastor equipara ambas as figuras como verdadeiros paladinos políticos da direita no continente, além de pretensos “messias” – no sentido bíblico do termo – do campo evangélico na cena política de seus respectivos países. Isso nos remete ao que Finchelstein (2020) chama de uma *teologia política*, praticada por líderes e movimentos caracterizados como populistas ao longo da história, mas, principalmente, na atualidade.

Tanto o grupo evangélico de apoio ao governo como o próprio governo sofreram um expressivo baque político em 2022 com o estouro do escândalo de corrupção envolvendo o então ministro da educação, o pastor Milton Ribeiro, e pastores aliados dele e de Bolsonaro. Milton foi acusado de ter favorecido pastores ao negociar verbas do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) com prefeitos em troca de propina. Além disso, foi divulgado por vários jornais o fato de que Bolsonaro havia intercedido junto ao ministro em favor dos pastores (Saldaña, 2022).

O desenrolar de toda essa polêmica culminou na exoneração do pastor do MEC, mas não impediu que Bolsonaro seguisse acenando ao segmento evangélico e acusando seus adversários – ou melhor, a esquerda – de serem eles os verdadeiros corruptos da política nacional. Em um evento com grupos evangélicos, ele discursou afirmando que “O nosso inimigo não é externo, é interno. Não é luta da esquerda contra a direita, é do bem contra o mal. E nós vamos vencer essa luta, porque estarei sempre na frente de vocês” (Holanda; marques, 2022).

O período eleitoral de 2022: a peregrinação de Bolsonaro pelo voto evangélico.

Visando a reeleição, Jair Bolsonaro iniciou sua pré-campanha e, posteriormente,

a campanha eleitoral adotando lemas e investindo na simbologia bíblica cristã. Em um evento do Partido Liberal (PL) ocorrido no período anterior ao início oficial da campanha, repetiu por algumas vezes em sua fala a frase “Nada temeis [temais], nem mesmo a morte, a não ser a morte eterna”, e se orgulhou em dizer que era referência a uma passagem bíblica, informação confirmada pelo pastor e deputado Marco Feliciano: “Creio que o presidente cita Mateus 10:28, bem como Lucas 12:4-5”. No mesmo pronunciamento, Bolsonaro seguiu com seus afagos de cunho religioso, afirmado também que “Não pretendo substituir nem o padre nem o pastor, mas é muito bom estar entre aqueles que têm Deus no coração” (Balloussier, 2022).

Além disso, em uma entrevista concedida à TV Aratu, afiliada do SBT na Bahia, o então presidente buscou atrelar a figura de Lula (PT) à defesa do aborto, tema caro ao campo religioso cristão:

Vamos supor que o Lula não consiga aprovar o aborto dentro do Parlamento. Acho difícil. Ele vai aprovar onde? Dentro do Supremo Tribunal Federal. Então, hoje, tem cinco ou seis ministros do Supremo que já são favoráveis ao aborto. Se o Lula voltar, bota mais dois [ministros] em 2023. Está na cara que vai botar abortista lá também [...] (Balloussier, 2022).

Ao acusar seu principal oponente de ser um defensor do aborto – embora Lula negue tal afirmação –, Bolsonaro o coloca como o extremo oposto da visão de mundo de parcela significativa da população cristã no Brasil, como também se utiliza de uma tática política amplamente praticada pela extrema-direita mundo a fora, que é a de manipular e falsear informações para alcançar algum fim político (Da Empoli, 2019).

Dito isso, ao observarmos essa expressiva conexão da figura de Bolsonaro com o setor evangélico, é possível sugerir que dentro do campo religioso nacional, essa foi a parcela que o mandatário mais se dedicou a angariar voto no período que antecedeu as eleições, sobretudo pelo elo político-ideológico de raízes populistas construído por eles ao longo de todo o mandato. Um levantamento feito pelo portal de notícias Poder360¹⁴, ainda durante a pré-campanha bolsonarista, demonstra tal afinidade política. Dos quarenta compromissos de Bolsonaro com setores religiosos, a maioria foi dedicada ao campo evangélico, contabilizando trinta e quatro, ao passo que somente seis compromissos se deram junto à esfera do catolicismo (Brasil..., 2022). É importante notar que não houve nenhuma agenda do então presidente dedicada a outras religiosidades que constituem o campo religioso brasileiro.

A maratona eleitoral em busca do voto evangélico foi constante na campanha bolsonarista. Seus pronunciamentos tomados por menções a Deus e o simbolismo re-

14 Disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/bolsonaro-prioriza-agendas-com-evangelicos-na-pre-campanha/>.

ligioso permaneceram intensos. Em discurso proferido na Convenção das Assembleias de Deus do Ministério Madureira, em Goiânia (GO), o candidato creditou a fé em Deus como um dos caminhos para superar o aumento do preço de diversos produtos no Brasil, principalmente o do combustível, dizendo que:

Temos dificuldades sim, mas qual é a solução para isso? É ter fé, é ter coragem, é acreditar. Por muitas vezes, dobrar os joelhos, e pedir uma alternativa. Nós sabemos que temos que fazer a nossa parte, mas deixar as coisas impossíveis nas mãos de Deus (Bolsonaro..., 2022).

Todo esse investimento em articulação e discurso possivelmente foi surtindo efeito eleitoral. Levantamentos feitos no primeiro turno pelo Instituto Datafolha captaram a liderança de Bolsonaro sobre os outros candidatos na preferência do eleitorado evangélico (Barbon, 2022a). Além disso, tanto no primeiro como no segundo turno, Bolsonaro, ciente de sua baixa capilaridade política no eleitorado feminino, ampliou o protagonismo de sua esposa Michelle Bolsonaro nesse período, sendo ela muito conhecida no meio evangélico. A presença de Michelle reforçou a intenção de dar ênfase ao tema da família tradicional e da “valorização” da mulher cristã. Entretanto, a linguagem usada por ela seguiu a mesma linha da de seu marido, expressando um estilo político marcado por uma retórica própria e intencional. Trata-se, como sugere Pocock (2003), de uma forma particular de atuação política que se constrói por meio de um vocabulário específico, em que o discurso não apenas comunica, mas constitui a própria prática política.

Evocando a habitual dicotomia populista do “bem contra o mal”, além de mobilizar símbolos religiosos, Michelle viajou ao Brasil participando de atos de campanha e eventos religiosos em que proferiu diversos discursos. Em um culto evangélico na cidade de Belo Horizonte, ela afirmou, em referência ao pleito eleitoral, que:

É uma briga, uma guerra do bem contra o mal. Mas eu creio que nós vamos vencer, porque Jesus já venceu na cruz do calvário. [...] Eu vou continuar louvando nosso Deus. Vou continuar orando [...], porque por muitos anos, por muito tempo, aquele lugar foi consagrado a demônios, cozinha consagrada a demônios, Planalto consagrado a demônios. E, hoje, consagrado ao Senhor Jesus (Augusto; Barbon, 2022).

O tom dos pronunciamentos da, à época primeira-dama, foi coberto de visões reacionárias. A afirmação feita atribuiu aos adversários na cena política o rótulo de “demônios” e inimigos não só de seu grupo político, mas também dos cristãos evangélicos de modo geral, atrelando ao planalto, sob o comando de Bolsonaro, a figura do Deus cristão.

Assim, no segundo turno as pesquisas do Datafolha demonstraram entre o pú-

blico evangélico a vantagem de Bolsonaro sobre Lula. Na pesquisa realizada próxima ao dia da votação, entre os dias 25 e 27 de outubro de 2022, Bolsonaro tinha 62% das intenções de voto entre os protestantes e o petista 32% (Barbon, 2022b), reforçando o resultado eleitoralmente positivo das investidas feitas por Bolsonaro junto a esse grupo religioso durante toda a campanha presidencial. Além disso, esses dados esboçaram também o fato de que a ala mais hegemônica do campo evangélico se tornou, em suas mais variadas frentes (pastores, fiéis, parlamentares), uma das maiores – se não a principal – base política e social de Bolsonaro ou do dito “bolsonarismo” na configuração atual da política brasileira¹⁵.

Considerações Finais

Ao longo deste trabalho analisamos a maneira com que se configurou um dos principais vetores da narrativa política populista de Bolsonaro durante seu mandato, que foi a de, pretensamente, apresentar-se como líder político do povo cristão nacional, sobretudo do segmento evangélico. Houve forte conexão política com os evangélicos, o que moldou significativamente a atuação de Bolsonaro frente ao governo.

O texto demonstra que, durante todo o mandato, os pronunciamentos e discursos de lideranças evangélicas e, especialmente, de Bolsonaro, estavam permeados por símbolos e alusões de fundo religioso cristão. Essa plataforma discursiva pautou-se em reivindicar o povo e a Nação de Deus, as raízes judaico-cristãs e a família tradicional brasileira, a fim de aludir a uma espécie de “guerra santa contra a esquerda” que, supostamente, atenta contra os ideais do cristianismo conservador. Vale ainda destacar o período eleitoral de 2022 e a intensa ofensiva de Bolsonaro para angariar mais apoio junto ao eleitorado evangélico. Esse período ficou marcado, especialmente, por discursos efusivos cujo apelo era a luta pela “alma do país”. Embora derrotado eleitoralmente por Lula (PT) por uma margem estreita, o agora ex-presidente obteve expressivo apoio quantitativo desse segmento nas urnas.

Por fim, cabe refletir que durante os seus anos de Presidência, a religiosidade evangélica de matriz conservadora e reacionária serviu de amparo político e discursivo para que Bolsonaro promovesse uma política populista, pautada por um discurso conservador que tinha como um de seus principais agentes de legitimação pastores e políticos evangélicos. Estes se valeram de suas posições para ocupar o Estado brasileiro,

15 Em um estudo publicado no site do Instituto Humanitas da Unisinos, o demógrafo José Eustáquio Diniz aponta, com base nos resultados eleitorais divulgados pelo TSE após o segundo turno e na última pesquisa antes do pleito feita pelo Datafolha, que Bolsonaro obteve cerca de 69% dos votos válidos entre os evangélicos, ultrapassando a marca dos 26 milhões de votos recebidos pelo segmento (O Eleitorado..., 2022).

num claro objetivo de tensionar as bases institucionais que garantem as liberdades civis, sob um pretenso argumento belicoso e fundamentalista de luta do “nós” (extrema direita) contra “eles” (esquerda), do “bem” contra o “mal”.

Referências

- ALENCAR, Gedeon Freire. **Protestantismo Tupiniquim: hipótese sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira**/ Gedeon Freire de Alencar. 2º ed. São Paulo: Editora Recriar, 2018.
- ALMEIDA, Ronaldo. Bolsonaro Presidente, conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 185-213, jan./abr. 2019.
- AS INTENÇÕES de voto entre católicos e evangélicos a 3 dias da eleição, segundo o Datafolha. **Carta Capital**, 27 out. 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/as-intencoes-de-voto-entre-catolicos-e-evangelicos-a-3-dias-da-eleicao-segundo-o-datafolha/>. Acesso em: 07 mar. 2024.
- AUGUSTO, Leonardo; BARBON, Júlia. Michelle comanda culto ao lado de Bolsonaro e diz que Planalto antes era ‘consagrado a demônios’. **Folha de São Paulo**, 7 ago. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/michelle-comanda-culto-ao-lado-de-bolsonaro-em-bh-na-busca-por-eleitoras.shtml>. Acesso em: 08 ago. 2022.
- BALLOUSSIER, Anna Virginia. Bolsonaro adota novo lema religioso de olho em eleitor cristão. **Folha de São Paulo**, 13 abr. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/04/bolsonaro-adota-novo-lema-religioso-de-olho-em-eleitor-cristao.shtml>. Acesso em: 14 abr. 2022.
- BALLOUSSIER, Anna Virginia; OLIVEIRA, Roberto de; PESCARINI, Fábio. Bolsonaro evoca ‘guerra do bem contra o mal’ em discurso na Marcha para Jesus. **Folha de São Paulo**, 9 jul. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/07/bolsonaro-evoca-guerra-do-bem-contra-o-mal-em-discurso-na-marcha-para-jesus.shtml>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- BALLOUSSIER, Anna Virginia; TAVARES, Joelmir. Bolsonaro é ovacionado em Marcha para Jesus e fala em problemas de ética, moral e economia. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 jun. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/06/bolsonaro-e-ovacionado-em-marcha-para-jesus-e-fala-em-problemas-de-etica-moral-e-economia.shtml>. Acesso em: 20 jun. 2021.
- BARBON, Júlia. Datafolha: Cai vantagem de Bolsonaro entre evangélicos; Lula perde fôlego entre os de maior renda. **Folha de São Paulo**, 27 out. 2022b. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/datafolha-cai-vantagem-de-bolsonaro-entre-evangelicos-lula-perde-folego-entre-os-de-maior-renda.shtml>. Acesso em: 12 dez. 2022.
- BARBON, Júlia. Datafolha: Lula amplia vantagem entre católicos e Bolsonaro segue líder entre evangélicos. **Folha de São Paulo**, 30 set. 2022a. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/datafolha-lula-amplia-vantagem-entre-catolicos-e-bolsonaro-segue-lider-entre-evangelicos.shtml>. Acesso em: 05 dez. 2022.
- BERTONHA, JF (2013). O pensamento corporativo em Miguel Reale: leituras do fascismo italiano no integralismo brasileiro. **Revista Brasileira de História**, 33 (66) · dez, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/rzSZBhbc6ZLCLFGDcX63v3M/?format=html&lang=pt#Moda>. Acesso em: 16 de fev. 2024.
- BISSIATI, Edson L.S. Religião e Política no Brasil: o populismo religioso de direita em Jair Bolsonaro. **Revista Neiba, Cadernos Argentina-Brasil**, Rio de Janeiro, v. 11, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/neiba/article/view/68096>. Acesso em: 22 de dez. 2023.
- BOAS, T. C. Serving God and man: evangelical christianity and electoral politics in Latin America. In: **Annual Meeting of the American Political Science Association**, Chicago, Aug.-Sept., p. 1-40, 2013. Disponível em: https://people.bu.edu/tboas/serving_god_man.pdf. Acesso em: 10 de jul. 2023.
- BOGOSSIAN, Bruno. Bolsonaro transforma voto evangélico em batalha pela alma do eleitor. **Folha de**

São Paulo, 16 jul. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/bruno-boghossian/2022/07/bolsonaro-transforma-voto-evangelico-em-batalha-pela-alma-do-eleitor.shtml>. Acesso em: 17 jul. 2022.

BOLSONARO diz que solução para economia está nas mãos de Deus. **Poder 360**, 28 mai. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-diz-que-solucao-para-economia-esta-nas-maos-de-deus/>. Acesso em: 09 mar. 2024.

BRASIL. Decreto nº 10.282, de 20 de março de 2020b. Regulamenta a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para definir os serviços públicos e as atividades essenciais. **Planalto.gov**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10282.htm. Acesso em: 2 jun. 2022.

BRASIL. Discurso do Presidente da República Jair Bolsonaro, durante a Celebração Internacional 2019: "Conquistando pelos olhos da Fé", Brasília/DF. **Biblioteca da Presidência da República**, Brasília, 21 jul. 2019. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/disco...rrencia-da-republica-jair-bolsonaro-durante-a-celebracao-internacional-2019-201cconquistando-pelos-olhos-da-fe201d-brasilia-df#content>. Acesso em: 13 abr. 2024.

BRASIL tem recorde de candidatos com denominações evangélicas. **Poder360**, Brasil, 15 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/brasil-tem-recorde-de-candidatos-com-denominacoes-evangelicas/>. Acessado em: 15 de dez. 2022.

BRASIL. Projeto de Lei nº 1.179, de 2020a. Dispõe sobre o Regime Jurídico Emergencial e Transitório das relações jurídicas de Direito Privado (RJET) no período da pandemia do Coronavírus (Covid-19). **Câmara.leg**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2247564>. Acesso em: 07 mar. 2024.

CASSIMIRO, Paulo Henrique Paschoeto. A Revolução Conservadora no Brasil. Nacionalismo, Autoritarismo e Fascismo no pensamento político brasileiro dos anos 30. **Revista Política Hoje** - Volume 27, Edição Especial, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/politicahoje/article/view/231710>. Acesso em: 25 de nov. 2023.

CLAMOR E JEJUM pelo Brasil - 05 abril – Convocação do presidente Jair Messias Bolsonaro. [S. l.: s. n.], 2021. Publicado pelo canal **TV GET** | Igreja Batista Getsêmani. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MV7vR1ZX19Q>. Acesso em: 06 maio 2022.

COELHO, Henrique. Crivella mantém medidas de isolamento no Rio, mas garante abertura de templos. **G1**, Rio de Janeiro, 25 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/25/crivella-mantem-medidas-de-isolamento-no-rio-mas-garante-abertura-de-templos.ghtml>. Acesso em: 10 mar. 2024.

COWAN, Benjamin Arthur. "Nosso Terreno" crise moral, política evangélica e a formação da 'Nova Direita' brasileira. **Varia Historia**, Belo Horizonte, vol. 30, no 52, p.101-125, jan/abr 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/PXDGNyTGFbCvRs7z46k35rm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 29 de nov. 2022.

COLETTA, Ricardo Della. Bolsonaro diz que chora sozinho no banheiro de casa e que Michelle nunca viu. **Folha de São Paulo**, 14 out. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/10/bolsonaro-diz-que-chora-sozinho-no-banheiro-de-casa-e-que-michelle-nunca-viu.shtml>. Acesso em: 05 mar. 2024.

COLETTA, Ricardo Della; HOLANDA, Marianna. Bolsonaro diz a evangélicos que dirige o país para o lado que eles quiserem. **Folha de São Paulo**, 8 mar. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/03/dirijo-a-nacao-para-o-lado-que-os-senhores-desejarem-diz-bolsonaro-a-pastores-evangelicos.shtml>. Acesso em: 09 mar. 2022.

DA EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.

DE HANAS, Daniel Nilsson; SHTERIN, Marat. Religion and the rise of populism. **Religion, State & Society**, 46:3, 177-185, 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09637494.2018.1502911>. Acesso em 28 de set. 2024.

EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. **Nacional-populismo**: a revolta contra a democracia liberal. Tradução de Alessandra Bonruquer. Rio de Janeiro: Record, 2020.

ESTADÃO. Bolsonaro reúne lideranças evangélicas em culto no planalto. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 17 de dez. 2019. Disponível em: https://www.estadao.com.br/app/noticia/politica/2019/12/17/interna_politica_1108990/bolsonaro-reune-liderancas-evangelicas-em-culto-no-planalto.shtml. Acesso em: 12 abr. 2024.

FINCHELSTEIN, Federico. **Do fascismo ao populismo na história.** Tradução Jaíme Araújo. São Paulo: Almedina, 2019.

FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA. Restrição aos cultos até 30 de outubro é derrubada após articulação da Frente. **Facebook**, 2 abr. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/fparlamentarevangelica>. Acesso em: 15 maio 2020.

FRESTON, P. C. **Religião e política, sim. Igreja e estado, não: os evangélicos e a participação política.** Editora Ultimato, 2022.

GODOY, José Artigas. Dom Helder Câmara e Louis-Joseph Lebret: Desenvolvimentismo e Práxis Progressista Católica nas Décadas de 1950 e 1960. **Dados** rev. ciênc. sociais 63 (1), 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/S4XzBcdtmjrkMFFYZQSfHBf/?lang=pt#>. Acesso em: 30 de abr. 2024.

GOLDSTEIN, Ariel. **Bolsonaro:** La democracia de Brasil en peligro. Buenos Aires: Marea Editorial, 2019.

GUADALUPE, José Luiz Pérez. Brasil e os novos atores religiosos da política latino-americana. **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI** / [organização José Luis Pérez Guadalupe e Brenda Carranza]. — Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020.

HOLANDA, Marianna; MARQUES, José. Bolsonaro discursa em clima de comício e diz que eleição é luta ‘do bem contra o mal’. **Folha de São Paulo**, 27 mar. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/03/bolsonaro-diz-que-eleicao-e-luta-do-bem-contra-o-mal-em-discurso-com-clima-de-comicio.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2022.

LEIA a íntegra do discurso de Bolsonaro na cerimônia de posse no congresso. **Folha de São Paulo**, 1 jan. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-cerimonia-de-posse-no-congresso.shtml>. Acesso em: 11 jun. 2021.

LIBANIO, J. B. Teologia da libertação: esquerda católica e inserção – Considerações em torno dos temas centrais / Liberation theology: Catholic left and insertion – Considerations around the central themes.

PLURA, Revista De Estudos De Religião, Journal for the Study of Religion, 3(1, Jan-Jun), 4–25, 2012. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/349>. Acesso em: 14 de fev. 2024.

LUC, Mauren; PAMPLONA, Nicola. Em Marcha para Jesus, Bolsonaro repete a evangélicos que só Deus o tira do Planalto. **Folha de São Paulo**, 21 maio 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/05/em-marcha-para-jesus-bolsonaro-repete-a-evangelicos-que-so-deus-o-tira-do-planalto.shtml>. Acesso em: 22 maio 2022.

LYNCH, Christian Edward Cyril. A utopia reacionária do governo Bolsonaro (2018-2020). **Insight Inteligência**, n. 89. Disponível em: <https://insightinteligencia.com.br/a-utopia-reacionaria-do-governo-bolsonaro-2018-2020/>. Acesso em: 12 ago. 2022.

LYNCH, Christian Edward Cyril; CASSIMIRO, Paulo Henrique. O populismo reacionário no poder: uma radiografia ideológica da presidência Bolsonaro (2018– 2021). **Aisthesis**, n. 70, p. 223-249, dez. 2021.

MACHADO, MDC; BURITY, J. A ascensão política dos pentecostais no Brasil na avaliação de líderes religiosos. **Dados** 57 (3), Jul-Sep, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/9RpfDdGjSSGgtPHjGW97rPQ/>. Acesso em: 25 de dez. 2023.

MANNHEIM, Karl. Conservative Thought. In: MANNHEIM, Karl. **Essays on Sociology and Social Psychology**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1959. p. 1-288.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais:** sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MELO JÚNIOR, Sydnei Ulysses de. **Religiosos e conservadores: o pensamento político da bancada evangélica na assembleia nacional constituinte (1987-1988).** Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas -Campinas, SP, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1236130>. Acesso em: 05 de jan. 2024.

MICELI, Sergio. **A elite eclesiástica brasileira:** 1890–1930. São Paulo. Ed: Companhia das Letras, 2009.

MISKOLCI, Richard. Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 53, n. p., jun. 2018.

MOTORYN, Paulo. Silas Malafaia cita Bolsonaro 57 vezes, e Deus apenas 10 durante o 2º turno. **Brasil de Fato**, 20 out. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/10/20/silas-malafaia-cita-bolsonaro-57-vezes-e-deus-apenas-10-durante-o-2-turno>. Acesso em: 23 out. 2022.

MÜLLER, Jan-Werner. **What is populism?** Londres: Penguin, 2017.

O ELEITORADO sem religião foi o fiel da balança da vitória de Lula. Artigo de José Eustáquio Diniz Alves. **Instituto Humanitas da Unisinos**, 1 nov. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categories/623503-o-eleitorado-sem-religiao-foi-o-fiel-da-balanca-da-vitoria-de-lula-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves>. Acesso em: 15 dez. 2022.

PAULA, C. J. de. Gustavo Corsão, apóstolo da linha dura. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.32, n.63, 2012, p.171-194. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/BRhYn9jWNvCcWFFQQXq7Vbs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 de fev. 2024.

PINHEIRO FILHO, Fernando Antonio. A invenção da ordem: intelectuais católicos no Brasil. **Tempo Social** – revista do Departamento de Sociologia da USP, v.19, n.1, São Paulo, 2007, p.34-51. Disponível 37 em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/rxDWxHmbYzBps6WKBb7SkFp/>. Acesso em: 12 de mar. 2024.

PITOMBO, João Pedro; VIEIRA, Vanessa. Bolsonaro diz a evangélicos que Mendonça levará paz e equilíbrio aos STF. **Folha de São Paulo**, 26 out. 2021 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/10/bolsonaro-diz-a-evangelicos-que-mendonca-levara-paz-e-equilibrio-ao-stf.shtml>. Acesso em: 02 nov. 2022.

POCOCK, John G. A. **Linguagens do Ideário Político** / POCOCK, John G. A; MICELI, Sergio (org.); tradução Fábio Fernandez. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

PR. SILAS Malafaia - Concordo com Bolsonaro! O que é pior: coronavírus ou caos social? [S. I.: s. n.], 2020. Publicado pelo canal Silas Malafaia Oficial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OLVWRO-EqGRs>. Acesso em: 20 maio 2022.

PY, Fábio; SHIOTA, Ricardo, POSSMOZER, Michelli. Evangélicos e governo Bolsonaro: aliança nos tempos de Covid-19. **Confluências**, Niterói/RJ, v. 22, n. 2, p. 384-406, ago./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/confluencias/article/download/43024/25360/149477>. Acesso em 20 de dez. 2023.

QUADROS, Marcos Paulo dos Reis; MADEIRA, Rafael Machado. Fim da direita envergonhada? Atuação da bancada evangélica e da bancada da bala e os caminhos da representação do conservadorismo no Brasil. **Opinião Pública**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 486-522, set./dez. 2018.

RIBEIRO, Victor. Milton Ribeiro é nomeado ministro da Educação em edição extra do DOU. **Agência Brasil**, 10 jul. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/it/node/1385576>. Acesso em: 08 mar. 2024.

ROCHA, Camila. Cristianismo ou conservadorismo? O caso do movimento anti-aborto no Brasil. **Revista TOMO**, 2020. periodicos.ufs.br, Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/12777>. Acesso em 25 de set. 2024.

ROCHA, Matheus. Bolsonaro diz, durante evento evangélico, que Brasil enfrenta problema espiritual. **Folha de São Paulo**, 11 jun. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/06/bolsonaro-diz-durante-evento-evangelico-que-brasil-enfrenta-problema-espiritual.shtml>. Acesso em: 12 jun. 2022.

ROSANVALLON, Pierre. **El siglo del populismo**. Historia, teoría, crítica. Buenos Aires: Manantial, 2020.

SALDAÑA, Paulo. Ministro da Educação diz priorizar amigos de pastor a pedido de Bolsonaro; ouça áudio. **Folha de São Paulo**, 21 mar. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/03/ministro-da-educacao-diz-priorizar-amigos-de-pastor-a-pedido-de-bolsonaro-ouca-audio.shtml>. Acesso em: 23 mar. 2022.

SOUZA, Marco Aurelio Dias. A eleição de Donald Trump e a reconfiguração da direita religiosa estadunidense. **Mundo e desenvolvimento**, v. 1, n. 1, p. 6-38, 2018.

SMITH, Amy Erica. **Religion and Brazilian Democracy: mobilizing the people of God**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

SPYER, Juliano. O que ninguém viu na Marcha para Jesus. **Folha de São Paulo**, 20 jul. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/juliano-spyer/2022/07/o-que-ninguem-viu-na-marcha-para-je>

sus.shtml. Acesso em: 21 jul. 2022.

STF RECONHECE competência concorrente de estados, DF, municípios e União no combate à Covid-19. **Supremo Tribunal Federal**, Brasília, 15 abr. 2020. Disponível em: <http://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticia-Detalhe.asp?idConteudo=441447&ori=1>. Acesso em: 1 jun. 2022.

TORMEY, Simon. **Populismo**: uma breve introdução. Tradução de Mário Molina. São Paulo: Cultriz, 2019.

VARGAS, Mateus. Bolsonaro diz que indicará outro evangélico se Senado recusar Mendonça ao STF.

Folha de São Paulo, 27 set. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/bolsonaro-diz-que-indicara-outro-evangelico-se-senado-recusar-andre-mendonca-ao-stf.shtml>. Acesso em: 25 set. 2022.

ZÚQUETE, José Pedro. Populism and Religion. IN: _____. **The Oxford Handbook of Populism**. Published in the United States of America by Oxford University Press 198 Madison Avenue, New York, NY 10016, United States of America. 2017. p. 565–590.

Sobre os autores

Edson Lugatti Silva Bissiati - Mestre em Ciências Sociais (UFJF) e doutorando em Ciência Política no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ). Desenvolve pesquisa na área de ciência política, com ênfase nos estudos acerca da relação entre conservadorismo e reacionarismo religioso no Brasil.

Fabrício Roberto Costa Oliveira - Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Doutor em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA/UFRRJ - 2012), com estágio sanduíche no Centro de Estudos Sociais (CES), da Universidade de Coimbra. Mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa (2005). Bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (2003). Tem experiências de pesquisas nas Ciências Sociais, atua principalmente nos seguintes temas: religião e política, história das religiões, ensino de sociologia, movimentos sociais e história oral.